

O ESPECTRO

Admonet in somnis et turbida terret imago.
Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

Lisboa, 10 de Junho

Já temos o protocolo, já sabemos a razão porque não foi publicado. O protocolo revela um grande crime, encerra uma grande infamia, e por fim deshonra aquelles proprios que promoveram a intervenção. Ei-lo ahi:

«Protocolo da conferencia celebrada na secretaria dos negocios estrangeiros a 21 de Maio de 1847.

«Presentes os plenipotenciarios de Hespanha, França, Grã-Bretanha e Portugal.

«Os plenipotenciarios de Hespanha, França, Grã-Bretanha e Portugal tendo-se reunido em conferencia por convite do plenipotenciario de Portugal, declarou este que soubéra por despachos recebidos do seu governo n'este dia a inutilidade dos esforços feitos no Porto pelo coronel Wilde e marquez de Hespanha para terminar a guerra civil em Portugal por via das condições, que a rainha de Portugal os auctorisára a fazer á junta. Acrescentou que como a rainha offerecêra essas condições em conformidade com os conselhos dos seus alliados, achava-se commissionado por S. M. para renovar o pedido já feito por ella áquelles seus alliados, que tomaram parte no tractado de 22 de Abril de 1834, a fim de obter d'elles a auxilio necessario para realisar a pacificação dos seus estados. O barão de Moncorvo declarou subsequentemente, que as condições transmittidas á junta do Porto por parte de S. M. eram:

«1.º Uma amnistia ampla e geral para todas as offensas politicas commettidas desde o principio de Outubro passado, e o immediato chamamento de todas as pessoas mandadas sahir de Portugal por motivos politicos.

«2.º A immediata revogação de todos os decretos que se publicaram desde o principio de Outubro, e que infringem ou estão em desacordo com as leis estabelecidas e á constituição do paiz.

«3.º A convocação das côrtes, logo que as

eleições, a que deverá proceder-se sem demora, estejam concluidas.

«4.º A immediata nomeação de uma administração composta de homens que não pertençam ao partido dos cabraes, nem sejam membros da junta do Porto.

«O plenipotenciario britannico confirmou a declaração do barão de Moncorvo, e declarou que o governo britannico tambem receberá despachos do coronel Wilde annunciando que a missão em que se empregára conjunctamente com o marquez de Hespanha não fôra bem succedida; e que a junta recusára terminar a guerra civil com as condições propostas por S. M. ou ainda consentir n'uma suspensão d'armas.

«Os plenipotenciarios de Hespanha, França e Grã-Bretanha tomando estas circumstancias em séria consideração, e tendo presente no seu entendimento o profundo interesse que os seus respectivos governos tomam pela prosperidade de Portugal, e o vehemente desejo de vêr a guerra civil que assolla esse paiz terminada por condições fundadas, por um lado no respeito devido á dignidade e direitos constitucionaes da corôa, e proprias para garantir sufficientemente as liberdades do povo; convencidos outrosim de que as condições propostas por S. M. eram as mais adequadas para attingir esses dois fins, concordam em julgar que actualmente se offerece uma conjunctura em que os seus respectivos governos poderão, em plena conformidade com os principios que os dirigem, annuir á reclamação de soccorro que lhes foi endereçada pela rainha de Portugal.

«O plenipotenciario de Portugal depois de manifestar a satisfação com que recebeu a declaração por parte dos plenipotenciarios das tres potencias, lembrou a urgente necessidade de adoptar medidas de accordo com as declarações acima exaradas, e representou que no actual estado de negocios em Portugal qualquer demora augmentaria a effusão de sangue, e aggravaria as calamidades que pezam sobre o reino.

« Em attenção a essas circumstancias, e persuadidos da urgencia da crise, os plenipotenciarios das quatro potencias concordaram em que o auxilio promettido á rainha de Portugal será prestado immediatamente; e depois d'esta resolução os plenipotenciarios de Hespanha, França e Grã-Bretanha compromettem-se a fazer com que as forças navaes dos respectivos governos actualmente estacionadas nas costas de Portugal tomarão parte conjunctamente, e desde já com as forças navaes de S. M. F. em qualquer operação, que se julgue necessaria ou opportuna por parte dos commandantes das forças combinadas para preencher o objecto d'esse acto commum, e o plenipotenciario hespanhol compromette-se outro sim a que um corpo de tropas, cujo numero será fixado pelos governos de Hespanha e Portugal, penetre em Portugal a fim de cooperar com as tropas de S. M. F. e a que essas tropas evacuem o territorio dentro do prazo de dois mezes depois da sua entrada, ou apenas o objecto da expedição fôr preenchido. Os plenipotenciarios das quatro potencias prometteram a expedição de ordens de accordo com as declarações d'este protocolo, immediatamente, aos officiaes de marinha dos respectivos governos, e aos officiaes generaes que commandam as tropas hespanholas nas fronteiras de Hespanha. — X. *Isturiz*, — *Jarnac*. — *Palmerston*. — *Moncorvo*. »

D'aqui resulta — 1.º que a rainha é quem chamára os estrangeiros para derramar o sangue dos seus subditos — 2.º que os chamára antes de serem presentes as condições á junta do Porto — 3.º que só offerecêra essas condições pelos conselhos dos alliados, que sem ellas não lhe davam o soccorro pedido — 4.º que a base para semelhante deliberação foram os despachos da côrte de Lisboa e as informações do coronel Wilde sem ouvir a resposta da junta do Porto.

Assim o divorcio da rainha com o paiz é manifesto. Foi ella quem chamou os alliados para derramarem o sangue portuguez; e o seu instincto é tão ferino, o seu coração tão sanguinario, a sua alma tão depravada que essas concessões não são d'ella, são a compra vergonhosa, o *premio vil* d'essa malfadada intervenção. E' humana desde que não pode ser cruel, perdoa desde que não pode castigar, annulla todos os seus actos, desaprova todas as suas proprias acções com tanto que lhe não quebrem o sceptro embora seja de canna, com tanto que lhe não tirem a corôa embora seja de espinhos, com tanto que se chame rainha embora seja por irrisão. O caso é que fique habilitada para novas traições, o caso é que os cidadãos sejam esmagados, o caso é que o sangue corra. Se a espada do Saldanha se embotou, venha o ferro estrangeiro que melhor corte: as intenções maternas de S. M. ficam cumpridas.

« Maldito seja o rei e sua descendencia que

chamar alliados para esmagar os seus subditos. Amargurada seja a sua vida, affrontosa seja a sua morte. O que faz a nossos filhos elle o veja fazer aos seus; as lanças que nos traspassem, os cavallos que nos esmagam, traspassem e esmaguem tambem a sua raça. Não é esse rei o unguido do senhor, é um novo Achab que sequestrou a vinha de Naboth; matou-nos porque lhe não quizemos vender a herança de nossos paes, calumniou-nos tambem chamando testemunhas falsas para deporem que blasfemamos de Deus e do rei:» Pois tambem o senhor dirá:—«mataste e possuiste; «pois n'esse logar em que os cães lamberam o «sangue do teu povo, tambem lamberão o teu. «E se pela tua humilhação não vier o mal em «teus dias, chegará no de teus filhos.»

Serão estas as imprecações d'esse povo immenso morto ás mãos dos alliados. O reinado da rainha será de sangue e de luto; não haverá paz nos seus dias porque é impossivel have-la. Está levantada uma barreira eterna entre ella e o seu povo.

O protocolo foi um raio que incendiará todo o paiz. Que importa que venha a paz, se essa paz é a dos tumulos, e os espectros se levantam para fazer a guerra?

A rainha renovou o pedido da intervenção! E' porque o havia feito. Assim temos dois ministerios cúmplices n'este grande attentado, o maior que se pôde commetter contra uma nação.

O resultado do protocolo ahí está. Entraram dois regimentos hespanhoes em Valença, e 100 cavallos. Estavam 800 populares e 12 cavallos sitiando a praça. Os portuguezes resistiram, mas depois de renhido combate tiveram de ceder á superioridade do numero. Quereis saber o que houve? Todos os nossos prisioneiros foram mortos pelos alliados.

A esta barbaridade o povo responde com um grito de indignação e morte. Os padres na Estremadura, Traz-os-Montes e Minho, com um crucifixo nas mãos, agarrados com o seu Deos, prégam a guerra santa, a cruzada para sustentar a independencia nacional. E seja qual fôr a sua expressão, o sentimento intimo é que a rainha é a motora de todos estes males, e que se os alliados a podem impor aos portuguezes, nunca poderão fazer amar a tyrannia, nem demandar o respeito que só é devido ás mais sublimes virtudes. A rainha que até aqui era armada será d'ora àvante aborrecida.

A provincia de Traz-os-Montes lá é tambem assollada pelos batalhões de Castella.

Vê-se pelo protocollo que a rainha e o coronel Wilde illudiram os plenipotenciarios das tres nações. Disseram que a junta não quizera acceitar as propostas quando ella só exigia garantias da boa fé e lealdade com que essas propostas haviam de ser cumpridas. Esta deslealdade já terá a estas horas sido punida no parlamento britannico pelo que toca ao subdito in-

glez, mas a côrte de Portugal se tira já algum proveito apparente, mais tarde lhe ha de conhecer o erro.

E rasão tinha a junta. Ahi apparece hoje no *Diario* uma proclamação estulta, e um decreto irritante no qual se falta descaradamente ás prescripções do protocollo. Alteraram-se as suas palavras; as *offensas* converteram-se em crimes, e assim a junta fica justificada de toda a sua resistencia, e as intenções damnadas da côrte ficam todas descubertas.

O povo não desarmará com essa amnistia injuriosa. É preciso para isso executar todas as condições do protocollo, é preciso que esse ministerio ultra-cabral comece a fazer justiça a si mesmo renunciando o poder. Depois veremos a confiança que devemos pôr na corôa.

A nação pôde succumbiu n'esta lucta desigual, mas graças a Deus, que os germes da vida ainda ficam envoltos n'essa mortalha de finado.

Despresamos a amnistia, porque não é dom gratuito, compramo-lo com muito sangue; e se o devessemos a alguém era a esses odiosos aliados. Nem a elles o agradecemos, porque não carecíamos do seu favor.

E assim mesmo essa amnistia do protocollo comprehende os proprios cabralistas. Não é amnistia para nós, é para todos. Se a regeitamos é porque para nós não carecemos d'ella, e para os nossos inimigos não é preciso que o sr. Isturiz, Jarnac e Palmerston a decretem.

A annullação de todos os actos despoticos da rainha é o maior aviltamento por que ella podia passar. E' a confissão de que foi absoluta, e de que não o é porque não a deixam ser.

Mas nós chamamos toda a attenção para a condição 4.^a—Que se estipula ahi? A proscricção do partido cabral!!! A proscricção do partido que pediu a intervenção, a morte dos com padres da rainha, a expulsão dos seus embaixadores!!!

Se o partido liberal fosse um partido sem honra deveria applaudir a intervenção; mas nós só queremos o que é portuguez. Para debellar os devassos, os delapidadores, os concussionarios não é necessaria a intervenção; temos força para isso, e não é preciso um stygma europeu sobre essa cáfila de tratantes. Não queremos que se diga que para vencer uns poucos de garotos falta força á nação portugueza. Não queremos que se suspeite sequer que uma facção insignificante tinha probabilidade de triumpho.

Cousa singular! Os que pediram a intervenção ficam postos fóra da lei, e são considerados párias na sua terra! Tudo é admittido á communhão constitucional, todos podem quinhoar do poder, não ha partido deshonrado, menos o cabralista! Esse é reputado infame por um protocollo!

Os ministros que primeiro pediram a inter-

venção, os que a concluíram e assignaram o protocollo, firmaram a sua exclusão, confessaram a sua deshonor. O actual ministerio não pôde conservar-se mais tempo no poder, nem os seus partidarios. E' toda uma raça condemnada á morte politica.

Talvez agora o conde de Thomar e seu irmão protestem que não são cabralistas. Talvez essa corja de sevandijas que sempre votaram com elles os julguem excommungados!

E essa facção já se revolve na sua impotencia, já proclama e grita contra essa condição que julga deshonorosa e humiliante. E é. Mas para poder usar d'essa linguagem fóra mister não sollicitar a interferencia, fóra mister repellil-a, fóra mister haver sido portuguez, fóra mister unir-se ás fileiras populares, quando os inglezes nos assaltaram traiçoeiramente no alto mar, fóra mister combater a nosso lado quando os gallegos pisaram o nosso territorio e tingiram as suas armas no nosso sangue.

Os cabralistas pediram a intervenção. Foi o pae dos Cabras quem primeiro em Madrid a sollicitou. Essa intervenção foi offerecida com condições, e quem a acceitou, entende-se que subscreveu a todas ellas. Querer que os aliados nos desarmassem, e negar-lhes depois o seu salario era um peccado que bradava ao ceu. Em politica não se pôde addir a herança a beneficio de inventario. Aproveitaram-se das disposições favoraveis hão de cumprir as desvantajosas. Os Cabras firmaram a sua propria exclusão, e se o poder não fór para os populares, segue-se que andaram a trabalhar para outros.

A nossa affavel rainha assim mesmo pedia 40 cabeças. Não era muito para ella e seus filhos. Mas como o parlamento inglez se pronunciou contra o seu ministerio, prescinde d'essa degolação e vae salvando os proventos, já que não pôde salvar a honra.

Tenham-n'o entendido. A revolução não cessa em quanto não derem ao paiz um bom governo, em quanto não tirarem as pastas das mãos dos ambiciosos e ineptos para as entregarem ao desinteresse e ao patriotismo. A guerra pôde addiar-se mas não se extingue, e não queiram que ella renasça.

O decreto da amnistia produziu os seus effeitos naturaes. Os voluntarios cabralistas andam de beldrié e bayoneta a espetar quem lê o *Diario*. Todas as portas da cidade se fecharam. Estes escandalos passam-se defronte das secretarias, e os ministros applaudem. É uma traição que se faz ao povo. Já tem sido gente morta por essas ruas. Os presos não querem sair ainda que os soltem. Os Cabraes querem fazer bernarda. As tropas estão em quartéis. E' preciso que nos entendamos:—hoje só os populares tem força para governar.

Os soldados portuguezes prisioneiros estão na torre de S. Julião. Acham-se apertadissimos, e nem

teem terreno bastante para se deitarem, sendo a terra o seu colchão; e como não teem aonde lavar o corpo, principia a grassar a sarna. Hontem mandaram-se reunir os cirurgiões para fazerem uma exposição a este respeito, bem como da casa destinada para o hospital que é má, muito pequena, e já allí não cabem os doentes, havendo muitos de febre.

As rações são boas, mas só recebem os prisioneiros duas terças partes da ração ingleza, pelo que o conde das Antas manda trocar o assucar e cacau por bolacha para augmentar a ração d'este genero. O nobre conde tem officiado diferentes vezes ao vice-almirante Parker a respeito das faltas que soffrem as seus soldados, e ainda que algumas teem sido remediadas, nem uma só vez lhe respondeu por escripto.

O entusiasmo d'aquelles valentes é o maior. Os povos correm de toda a parte a vel-os e a victoria-los. O governo viu-se obrigado a mandar força para aquelles sitios a fim de conter os povos.

A imprensa estrangeira analisando o protocollo diz verdades duras. Eil-as ahí:

(Do Times do 1.º do corrente)

«A intervenção tem por fim não exigir uma total submissão, nem mesmo esmagar uma rebelião, porém unicamente pacificar o paiz e conciliar as partes contendentes por meio do permanente estabelecimento d'aquelles direitos, pelos quaes os chefes populares confessam ter pugnado... e é impossivel não temer que a presença d'um exercito hespanhol em Portugal induza, mais do que qualquer circumstancia, a alienar a afeição do povo da sua soberana... Uma força estrangeira e um auxilio estranho pôde dispersar um grupo de rebeldes, ou subjugar um commandante refractario, esta força porém não pôde supprir os principios da harmonia, união e cooperação sem os quaes jámais pôde existir um governo nacional, e desloca o throno da base em que unicamente elle pôde com segurança apoiar-se.

«O auxilio que poderiam prestar á rainha de Portugal, na sua actual situação, os seus alliados, ou será um bem caro beneficio, ou uma dádiva fatal se não fôr recebido com a intima convicção de que o governo portuguez jámais será estavel, em quanto não tornar a ganhar a confiança e coadjuvação da massa popular.

(Do Courrier Français de 23 de maio)

«Vamos dizer sem rodeio o motivo d'esta incrível intervenção. E' porque a rainha tocou a ultima hora do seu poder absoluto! As suas tropas são derrotadas por toda a parte: as provincias insurgem-se em massa: a columna do commando do irmão do Vinhaes foi

refugiar-se em Hespanha; a população mesmo de Lisboa falta-lhe já a paciencia, e por toda a parte não se ouvem senão imprecações contra a aborrecida dictadura do ministerio.

«Não nos admiramos contudo que a rainha chegando as ultimas agonias se lançasse de joelhos diante do embaixador inglez implorando um criminoso auxilio! Não nos admiramos que depois dos actos impios de que o throno é culpado — que depois de ter feito prender, deportar e fuzilar — contrair emprestimos ruinosos, etc., não olhe para o futuro este throno que se rodeou de bayonetas estrangeiras! Espectaculo verdadeiramente extraordinario nos fastos das nações constitucionaes! Uma rainha que subiu ao throno porque representava as idéas liberaes vê-se compellida por seus proprios excessos, e commettidos contra um povo, que outr'ora a idolatrava, a buscar auxilio nas tropas estrangeiras. E' pelo prejuizo e pela violencia que ella espera tornar a obter uma corôa que de propria vontade degradou. E sobre quem pertende reinar esta soberana chegada á ultima extremidade? Com o povo não deve contar por que para sempre o afastou de si. Depois da intervenção, nós o podemos affirmar, não ha um só coração verdadeiramente portuguez, que consagre fidelidade a uma tal rainha, que bem se deveria lembrar que um de seus antepassados, um duque de Bragança, perdeu a cabeça sobre o cadafalso por crime d'alta traição — crime em tudo semelhante ao que a neta acaba de commetter! Aquelle infeliz mantinha secretamente correspondencia com os hespanhoes, provocando assim uma intervenção estrangeira!

«Ah! Bem quereríamos nós que estas palavras de indignação chegassem ainda a tempo ao meio d'estes portuguezes intrépidos que defendem a preço do seu sangue a liberdade da sua patria! Conservem-se elles firmes e inflexiveis até ao fim! Resistam até ao ultimo momento! Sujeite-se o paiz dos Viriagos, dos Henriques, de João I, e de João IV a todas as desgraças antes do que soffrer a mancha d'uma invasão estrangeira. Estamos para ver se a Europa civilizada ousará commetter um semelhante acto d'impiedade. Estamos para ver se a Hespanha, apenas livre, ousará attentar, como a França e a Inglaterra, contra a liberdade de seus infelizes, mas heroicos visinhos! Queremos ver por fim se o sr. Pacheco, e os chefes do partido progressista, que em definitiva governam a patria que foi dos Padilhas, dos Riegos, e dos Torrijos se querem tornar solidarios no vergonhoso acto praticado por mr. Guizot e lord Palmerston! Ao menos seja conhecido por todos os liberaes portuguezes, que se tem contra si o actual covarde governo da França, devem contar que a França inteira está pela sua parte; esta mesma França, que nunca hesitou em punir os reis prejuizos.»